

5ª PARTE

DISCURSOS

ELOGIO DE ROMEU JOBIM

Sânzio de Azevedo

Excelentíssimo Senhor escritor e professor Flávio René Kothe,
Presidente da Academia de Letras do Brasil.

Demais autoridades presentes a esta solenidade.

Acadêmico Edmílson Caminha, conterrâneo e amigo, autor
da saudação que muito me honra.

Senhoras e Senhores Acadêmicos.

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Peço licença para quebrar o protocolo e registrar aqui
a presença da Dr^a Raimunda Ceará Serra Azul, viúva do poeta
Henriques do Cerro Azul, meu companheiro de adolescência.

Início minha fala com uma nota triste: é que o incentivo para
que eu me candidatasse a uma Cadeira nesta Academia partiu de
um escritor que não cheguei a conhecer pessoalmente, mas com
quem me comunicava por *e-mail* e pelo telefone, sem falar na troca
de livros entre nós.

Refiro-me ao ensaísta, historiador e jurista Fontes de Alencar,
que era Presidente desta Casa, e portador, entre outras honrarias, da
Medalha João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras. Nascido em
Estância, Sergipe, era filho do poeta cearense Clodoaldo de Alencar,
tradutor do poeta francês Heredia.

Autor de importantes obras tanto no campo jurídico quanto
no literário, o autor de *Kalevala* e outros temas será sempre lembrado
pelo valor dos livros que nos deixou.

Quanto a mim, venho do Nordeste, mais precisamente do Ceará, terra dos “verdes mares bravios” cantados por José de Alencar em seu poema.

A vez primeira em que estive em Brasília foi no ano de 1973, há mais de 40 anos, portanto. Estava eu não muito longe do alvorecer da vida, no ano em que ingressei na Academia Cearense de Letras, fundada em 1894 pelo Barão de Studart e mais 26 outros intelectuais.

Agora, em pleno crepúsculo, tenho a honra de ser acolhido por esta Academia de Letras do Brasil, fundada em 1987 pelo crítico literário Almeida Fischer, que vi uma única vez em que estive em Fortaleza, Academia presidida hoje pelo eminente escritor Flávio René Kothe.

Agradeço a quantos votaram no meu nome e também aos que vieram prestigiar este momento tão importante para mim.

Honrado por poder ser um dos vossos, cumpre-me, ao ocupar a Cadeira nº 2, falar do Patrono, que é ninguém menos do que Machado de Assis, nascido no Rio de Janeiro em 1839 e falecido na mesma cidade, em 1908.

Não tenho a pretensão de revelar nenhuma novidade sobre o maior escritor do Brasil, cuja obra tem sido tema de tantos livros e tantos estudos esparsos, merecendo um belo poema, “A Um Bruxo, com Amor”, de Carlos Drummond de Andrade.

Entretanto, sempre direi que ele deixou páginas inesquecíveis na crítica, no romance, na poesia e no conto, sem falar na crônica.

Quanto à crítica, sem desmerecer o “Ideal do Crítico”, “Literatura Brasileira – Instinto de Nacionalidade” e outras páginas admiráveis de lucidez e erudição, permito-me destacar aqui o ensaio “A Nova Geração”, de 1879 e, dele, apenas pequeno trecho.

Alberto de Oliveira, em seu livro de estreia, *Canções românticas* que, não obstante o título, inaugurou em 1878 o Parnasianismo no

Brasil, respondendo a Teófilo Dias, que o aconselhara a fugir dos versos de amor para abraçar a poesia social, incluiu no livro um soneto dizendo que também lia “a lenda dos gigantes”. Machado de Assis, que percebera o valor do poeta, aconselhou-o a não seguir esse caminho. E escreveu: “O Sr. Alberto de Oliveira pode folhear a lenda dos gigantes; mas não lhes dê um canto, uma estrofe, um verso; é o conselho da crítica. Nem todos cantam tudo; e o erro talvez da geração nova será querer modelar-se por um só padrão.”

No que toca ao romance, estou com aqueles que apontam Romantismo em *Ressurreição* (1872), *A Mão e a luva* (1874), *Helena* (1876) e *Iaiá Garcia* (1878), obras que não dariam ao escritor o renome que conquistaria pelo menos em três livros nos quais já vemos o mestre do Realismo: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1899).

Machado de Assis não demonstrava apreço pelo Realismo, mas não me parece haver dúvida de que, de 1880 em diante, foi realista na prosa e parnasiano na poesia.

Memórias póstumas de Brás Cubas é, a meu ver, um dos maiores romances da literatura brasileira. Não podendo transcrever capítulos desse livro aqui, contento-me com citar “O Delírio”, “O Almocreve” e “Dona Plácida”.

Na sua notável biografia *Machado de Assis* (1936), Lúcia Miguel-Pereira revela: “A Mário de Alencar, que lhe perguntou um dia como, depois de ter escrito *Helena*, pôde escrever o *Brás Cubas*, explicou o romancista que se modificara porque perdera todas as ilusões sobre os homens.”

Como poeta, sua trajetória foi semelhante à que percorreu como romancista: era ainda romântico em *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870) e *Americanas* (1875).

É porém interessante ler um trecho do posfácio de Crisálidas, texto que eu desconhecia, e que reproduzo de um ensaio de Fontes de Alencar no seu livro *Kalevala e outros temas* (2014): “não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis”.

Surge a partir de 1880 o parnasiano de “A Mosca azul”, mas sobretudo o pessimista de “O Desfecho”, “Uma criatura” e “No alto”, que estão nas Poesias completas (1901), no livro que chamou de “Ocidentais”.

Na abertura de *Relíquias de casa velha* (1906), vem seu famoso soneto “A Carolina”, no qual, chorando sua viuvez em belos decassílabos, diz, na penúltima estrofe: “Trago-te flores, restos arrancados / Da terra que nos viu passar unidos / E ora mortos nos deixa e separados.”

No conto, deixou algumas obras-primas, como “Noite de Almirante”, “Cantiga de esponsais”, “O Espelho”, “A Cartomante” e “O Enfermeiro”, entre outros.

Interessante é que Machado de Assis que, como crítico, atacou o Realismo, chegou até ao Naturalismo e exemplo disso é o conto “A Causa secreta”, que nos fala de um caso de patologia. Fortunato torna-se amigo de um estudante de Medicina quando ambos deparam com um homem que fora ferido por uns capoeiras, na rua. Garcia (o futuro médico) admira-se da dedicação do outro, enquanto a vítima sofre. Com a melhora do homem, ele desaparece. Ao reencontrarem-se num teatro, diz o narrador: “A peça era um dramalhão, cozido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouviu-a com singular interesse.” Veio depois uma farsa e ele saiu, dando bengaladas nos cães que dormiam na rua.

Ficou conhecida a cena em que Fortunato, em casa, com o pretexto de que um rato lhe estragou um papel, mata-o, mas torturando-o, queimando-o na chama de uma vela e lhe cortando os

membros. Ao ver Garcia, finge grande aborrecimento. “Castiga sem raiva, pensou o médico, pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem.”

“A Causa secreta” é do livro *Várias histórias* (1896). Três anos depois, em *Páginas recolhidas* (1899), encontra-se essa obra-prima que é “Missa do Galo”, com um enredo um tanto rarefeito, em que um jovem interiorano de 17 anos está hospedado na casa de um escrivão e que espera que dê meia-noite, quando um amigo virá encontrá-lo para irem à Missa do Galo. Conversa ele com D. Conceição, a dona da casa, mulher de seus 30 anos, que diz estar sem sono. O clima do conto é meio impressionista, o que o aproxima do Simbolismo.

Destaco um dado interessante nessa narrativa que quase não tem enredo: falando de D. Conceição, diz o narrador-personagem: “Tudo nela era atenuado e passivo. O próprio rosto era mediano, nem bonito nem feio.” Algumas páginas adiante, diz ele: “Há impressões dessa noite, que me aparecem truncadas ou confusas (...) Uma das que ainda tenho frescas é que, em certa ocasião, ela, que era apenas simpática, ficou linda, ficou lindíssima.”

Somente um profundo conhecedor da alma humana poderia escrever isso.

Na Faculdade de Letras da UFRJ fui aluno e orientando de Afrânio Coutinho, introdutor da Nova Crítica no Brasil e tio do acadêmico Fábio de Sousa Coutinho. Justamente pelo fato de seguir uma crítica de caráter eminentemente estético, esse mestre não aceitava a crítica sociológica, para a qual o homem é puro produto do meio. Estudioso e admirador de Machado de Assis, perguntava ele mais ou menos nestas palavras: “Como essa crítica vai explicar o fenômeno de um moleque do Morro do Livramento, no Rio, que se tornou o maior escritor da literatura brasileira?”

Senhoras e senhores:

Cumpre-me agora falar do meu antecessor, o fundador da Cadeira nº 2 desta Academia, Romeu Barbosa Jobim, que nasceu em Rio Branco, no Acre, em 1927 e veio a falecer em Brasília, no ano de 2015.

Romeu Jobim iniciou seus estudos em Rio Branco e em Manaus, indo depois se diplomar em Filosofia e Direito no Rio de Janeiro. Em Brasília, para onde se transferiu em 1960, foi Redator da Câmara dos Deputados, galgando, por mérito, os cargos de Técnico Legislativo, Chefe de Secção de Documentação Parlamentar, Membro de Comissões de Inquérito, Assessor Parlamentar e Legislativo da Câmara dos Deputados.

Ele que, através de concurso, havia sido professor de História e de Português na Capital Federal, ingressou na Magistratura, sendo Juiz de Direito da Justiça do Distrito Federal em 1980 e, em 1991, foi promovido ao cargo de Desembargador da Justiça do Distrito Federal e dos Territórios.

Por sinal, no discurso de posse como Desembargador, referiu-se Romeu Barbosa Jobim, com mais de 60 anos de idade, à sua longa caminhada: “Talvez chegue tarde a essa Egrégia Corte.” E mais adiante, numa espécie de desabafo, revelou: “Posso garantir-lhes que, em meu lento caminhar, não atropelei nem me vali do esforço alheio para aumentar o farnel. É certo que, enquanto assim teimosamente procedia, alguns me ultrapassaram correndo e outros até voando.” Isso está no opúsculo *No efêmero, o eterno*, de 1991, com os discursos de Jobim e do Desembargador que o saudou, João Carneiro de Ulhôa.

Mas, já que comecei a citar trechos tirados da obra do homenageado, devo agradecer a generosa oferta dos principais livros de Romeu Jobim, feita pela sua viúva, Excelentíssima Sra. D. Ruth de Sousa Silveira Jobim.

Essa preciosa oferta me foi feita por intermédio do grande poeta e ensaísta Anderson Braga Horta, que considero também um grande amigo, apesar de eu só o haver conhecido pessoalmente agora nesta minha viagem a Brasília.

Mas antes de comentar outras obras de Romeu Jobim, acrescento que ele, Cidadão Honorário de Brasília, figura entre os fundadores da ANE (Associação Nacional de Escritores) e da Academia de Letras do Brasil, sendo ainda membro da Academia Brasiliense de Letras e do Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal.

Portador de várias comendas, medalhas e diplomas, como jurista, poeta e ficcionista, participa de diversas antologias, como *Contistas de Brasília* (1965), de Almeida Fischer; *Canto candango* (1980), de Salomão Sousa; *Horas vagas* (1981) e *Poesia em Brasília* (1998), de Joanyr de Oliveira; *Planalto em poesia* (1987), *Contos correntes* (1988) e *Antologia de haicais brasileiros* (2003), de Napoleão Valadares; *Cronistas de Brasília* (1955), de Aglaia Souza; *Antologia do conto brasiliense* (2004), de Ronaldo Cagiano e *Caliandra* (1995), de André Quicé.

O livro de estreia de Romeu Jobim, *Boa Tarde, Excelência!*, de 1990, reúne 51 crônicas. Em nota de abertura o autor se pergunta: “crônicas ou contos?” E revela que, embora se incline pela primeira alternativa, notou divergências na opinião de amigos que leram os textos.

Escrevendo sobre esse livro, Anderson Braga Horta esclareceu o problema dizendo: “Crônicas, sim, não tenho dúvida, e creio que o Autor também não; de todo modo, crônicas, no geral, escritas com a pena do ficcionista nato e, sempre, em linguagem pura e sóbrio estilo.”

Mas Romeu Jobim, na citada nota, diz, um tanto machadianamente: “Assim, deixo o problema, se houver e valha a pena, ao leitor ou crítico, existente este ou aquele. Privilégios de autor.”

A primeira narrativa, intitulada “Crente”, fala-nos de um seringueiro quase cinquentão que, ao contrário dos da sua profissão, geralmente rudes e iletrados, não dormia sem antes ler, fosse o que fosse. Dizia-se que tinha “muitas mortes nas costas, o que ele aliás sempre negava, embora de maneira inconvincente”, como diz o narrador.

Um dia surgiu no seringal um grupo de crentes, e nosso personagem logo se tornou um fervoroso pregador do Evangelho...

Acontece que sua mulher, alguns anos mais nova do que ele, e que lhe dera alguns filhos, abandonou-o para ir morar com outro seringueiro.

Noutros tempos haveria uma tragédia, mas agora a religião impedia-o de procurar qualquer altercação.

Tempos depois o novo casal manifestou o desejo de ser recebido por ele, pois a mulher queria rever os filhos. Termina a narrativa com a fala do seringueiro que se convertera:

—“Não há problema. Diga a ela que, quando quiser, pode visitar os filhos. Nada lhe acontecerá. Mas seu companheiro não permito que venha nem apareça em minha frente.

E arrematou:

— Por uma razão muito simples: eu me tornei crente, mas meu rifle não. E eu não respondo por ele.”

Como poeta, Romeu Jobim estreou com *Em tom menor*, livro que reúne trovas (ou quadrinhas, como ele as chama) nas páginas pares e haicais nas páginas ímpares.

Novamente cito Anderson Braga Horta que, depois de aludir à “vocação das sutilezas e das meias-tintas” do haikai, poema de origem japonesa afirma: “Na minuciosa ourivesaria de Romeu Jobim, torna-se o veículo ideal para o lirismo reflexivo que singulariza o Poeta.”

Em um breve prefácio, o escritor refere-se às rimas que Guilherme de Almeida introduziu nesse tipo de poema, para dizer que não as adotou. Seguiu ele – acrescento eu – o modelo de Matsuo Bashô (mestre japonês do século XVII), compondo-o com um verso de 5 sílabas, um de 7 e outro de 5.

Cito uns poucos, começando pelo que figura na *Antologia de Haicais Brasileiros*, de Napoleão Valadares, de 2003. Lembrando o famoso rio de Heráclito, diz Jobim:

“Como ilude o rio,
Parecendo o mesmo, quando
É outro, a cada instante.”

Leio mais um:

“À beira do rio,
Um bando de borboletas
E um menino voam.”

E, para encerrar essas transcrições de haicais, aqui vai mais um, a meu ver dos mais belos:

“Pássaro ferido
cai à minha porta. Morro
um pouco com ele.”

Já quanto à quadrinha, “amolda-se melhor a um lirismo não intelectualizado, antes voltado para o afetivo, o brejeiro ou o epigramático”, segundo diz ainda Anderson Braga Horta.

Como fiz com os haicais, escolho três dessas trovas. Uma segue o esquema popular, pois rimam somente os versos pares:

“A saudade é como um sino
A bater, na tarde calma.
Só que ele bate lá fora
E ela bate dentro dalma.”

A que se segue tem nos versos ímpares rima toante (apenas das vogais tônicas), o que engana o leitor, pois parece seguir o esquema erudito:

“Esta vida é fiandeira
que erra às vezes, pois se cansa.
Fez um manto de tristeza
com meus fios de esperança.”

Por fim, uma trova rigorosamente vazada à maneira erudita, em que todos os versos rimam:

“Pelas ruas hoje estranhas
de Rio Branco, sangro, a esmo.
Restam-me só nas entranhas
as pegadas de mim mesmo.”

Não estamos diante de um ficcionista que faz versos, mas de um autêntico poeta.

Ao passar para o livro *Amanhã Cedo é Primavera* (2001), belo título por sinal, lembro que Moreira Campos, o maior contista do Ceará, começou escrevendo contos longos mas, com o tempo, foi compondo narrativas cada vez mais curtas. Com Romeu Jobim aconteceu o contrário: no primeiro livro, seus textos ocupavam uma página e meia ou, no máximo, duas páginas. Já nesse livro de 2001 há histórias de 4, de 5, de 6 de 7 ou 10 páginas, sendo que, além de

uma com mais de 18 páginas, o conto intitulado “Sem previsão de volta”, dividido em capítulos, como alguns dos primeiros de Machado de Assis, chega a 23 páginas!

Para que minha fala não se estenda muito, comentarei apenas o conto “A Onça Lana”. Como em outros textos, Jobim assume o papel de narrador, mas pondo a fabulação no discurso de um dos personagens, que aparece a certa altura, como se conversasse com o escritor.

Começando por lembrar que as histórias de caçadas e pescarias não gozam de credibilidade, passa o conto a expor o relato de um caçador, João, casado com a Rosa e com quatro ou cinco filhos. Vivendo praticamente dentro da mata, encontrou ele um dia uma onça com dois filhotes. “Quando João deu por ela, a bicha já partira em sua direção, e mal teve tempo de recebê-la na forquilha e sangrá-la”, diz o texto.

Recolhendo os dois filhotes, levou-os para casa. Um deles morreu e ele ficou com uma que ele chamou de Lana, a qual, ao passo que ia crescendo, teve que ficar numa jaula improvisada, o que não a impedia de sair pela parte de cima.

A história se complicou quando se ouviram esturros pela redondeza e foram encontradas cabras e galinhas mortas. Tudo indicava que a onça arranjava um companheiro, tornando-se perigosa. O filho mais novo de João, ainda criança, ficara em casa com uma irmã. Lana entrou na casa e a menina correu, enquanto o felídeo apanhava a criança nos dentes e corria para a mata.

No igarapé, avisado pela filha, João foi à procura da onça e, encontrando-a, matou-a com um tiro. Percebeu então que Lana estava ferida e viu que ao lado havia um macho quase morto. E o conto se encerra assim:

“Inteiramente transtornado, já agora sem compreender de fato o que acontecera, João avistou, perto de Lana, e apenas levemente ferido, o filho mais novo. Não teve mais dúvida: Lana matara o parceiro, em luta realmente de fera, para salvar a criança de suas garras.

Depois desse episódio, segundo meu amigo, João e seus familiares se mudaram para o vilarejo mais próximo, nunca retornando à floresta.”

Em 2003 Romeu Jobim lançou o livro de poemas *Cantos do Caminho*, reunindo poemas escritos de 1942 até 2002, isto é, dos 15 aos 75 anos de idade do autor.

Isso levaria Anderson Braga Horta, que cito mais uma vez, a observar: “Já no menino de quinze anos imprimem-se o respeito à língua e o amor à forma, que persistirão no adulto, por mais que modernize a expressão.”

Confirmando o que o poeta e crítico disse, transcrevo apenas o primeiro quarteto de “Árvore Morta”, com data de Manaus, 11 de maio de 1942:

“Já não balanças, ao sabor do vento,
enchendo-nos de efêmera alegria,
nem és a confidente do tormento
humano, ou da ventura fugidia.”

Há inúmeros poemas no livro dignos de transcrição mas, para não me alongar muito na minha fala, contento-me em reproduzir mais um, breve, sem rimas e sem métrica uniforme, escrito em Brasília em julho de 2001. Trata-se de “A Tristeza do Vovô”:

“Luísa, de três anos,
olha-me e pergunta:
— Você está triste, vovô?

Digo-lhe que não.
Apenas um tanto cansado,
mas muito alegre,
como, então, lhe demonstro.

Vai brincar. De repente,
Retorna e dispara:
— Por que você está triste, vovô?

Minto, com mais ênfase,
e sinto que ela
faz de conta que aceita.”

João Carlos Taveira, que generosamente falou de um livro meu na revista *Literatura*, do meu saudoso conterrâneo Nilto Maciel, ao entrevistar nosso homenageado, disse na abertura do seu texto que Romeu Jobim “é uma das vozes de maior credibilidade junto ao meio literário e, principalmente, à comunidade jurídica de Brasília, tanto pela qualidade de seus escritos quanto pela lucidez de suas ideias”.

Fiquei feliz quando, ao responder sobre problemas de preocupação formal, antes da publicação de *Cantos do Caminho*, disse Jobim: ...”meu caro Taveira, você acaba de ter acesso aos originais de meu livro e observa algo que é uma espécie de *punctum dolens*: sempre houve, no que escrevo, preocupação com a forma. Sou assim. Sempre fui, desde os primeiros escritos, como acaba de notar”. E pouco adiante diz que “o primeiro dever de quem se propõe lidar com as palavras é conhecer as regras do ofício”.

Nesse livro *Cantos do Caminho* há diversos haicais.

E composto somente de haicais é o livro *Pássaros de Meus Bosques*, de 2007, que enfeixa 313 exemplares desse tipo de micropoema.

Dir-se-ia, abrindo o livro, que o poeta continua fiel à sua maneira de compor essa joia oriental, trabalhando o verso branco, sem a inovação da rima.

Como nestes dois:

“Na seca, os ipês
vestem a copa desnuda
de ouro e de ametista.”

“Enquanto os gaviões
atacam, os urubus
espreitam e aguardam.”

Há um haicai com clara alusão ao samba-canção “Fim de semana em Paquetá”, de João de Barro e Alberto Ribeiro, e que foi gravado nos anos 40 do século passado por Nuno Roland:

“Não é Paquetá,
mas passeio sob espesso
céu de flamboyants.”

Mas eis que, a certa altura do livro, surgem haicais rimados, seguindo a lição de Guilherme de Almeida, com rimas do primeiro verso com o terceiro, e rima leonina ou interna no segundo. É o caso deste, que agradou à minha alma de cearense:

“Diante deste mar,
bravio e verde, aprecio,
bem mais, Alencar.”

E, entre outros, mais este:

“Insetos sem sorte.
Em busca da luz, que ofusca,
encontram a morte.”

Na verdade, são apenas dez os haicais com rimas. Assim como se o poeta quisesse apenas mostrar que também sabia rimar, se desejasse...

O escritor Fontes de Alencar, em correspondência a Romeu Jobim, revela: “*Pássaros de Meus Bosques*, belo livro, fez-me lembrar um discurso de Coelho Neto que dizia da defesa, pelos gregos, de suas florestas; e anotava que na sua Trácia órfica as boscagens eram centros de poesia. Assim os seus bosques, Poeta.”

Justiça: Humor Forense, de 2009, compõe-se, como o indica o título, de narrativas bem-humoradas envolvendo advogados e juízes, enfim, figuras do júri.

É o caso de “Criminalista brilhante”, que nos mostra um destacado causídico do Rio de Janeiro, cujas defesas, como diz o narrador, começavam sempre “de maneira um tanto morna e parecendo também um tanto sem rumo”.

Sobre a mesa, um copo d’água, do qual ele ia tomando goles, de vez em quando. À medida que ia falando, sua oratória ia ganhando força: terminado o copo, traziam-lhe outro, e cada vez mais se entusiasmava a assistência.

E diz o narrador: “Tão cansado ficava, no entanto, que, ao final, descia da tribuna amparado por alguém.”

O promotor replicava, mas, na tréplica, o advogado crescia, tanto na oratória quanto no saber jurídico. Bebia aos goles copos d'água, depois dos quais desabava, deixando o recinto carregado.

Perguntou o narrador a um colega, que fora discípulo do velho advogado, por que ele se elevava tanto no júri e depois caía exausto. Terminei com os três parágrafos finais dessa história:

“ – O segredo de tudo – confiou-me o colega – estava naquela água, que ele ingeria com extremo cuidado e quase devoção.”

“ – Como assim? – perguntei.”

“ – O que bebia, de vez em quando, era apenas aquela água que passarinho não bebe. Só que tudo se verificava dentro do maior sigilo, ignorado, pelo menos oficialmente, até por parte de Sua Excelência o Doutor Juiz.”

Essa interessante narrativa figura no livro *ANE – Cinquenta Anos*, coletânea organizada por Napoleão Valadares, e editada em 2013.

O último livro publicado pelo escritor tem o título de *Entre Crônicas e Contos*, e data de 2011.

Dentre as crônicas, destaco “O Mendigo e a ratazana” na qual o narrador fala do costume, que encontrou no Rio de Janeiro, de se formarem grupos de pessoas mal alguém comesse a olhar para cima. Por isso os camelôs se davam bem, ao pôr no chão o que quisessem vender.

Mas um dia a aglomeração era maior, e nosso personagem viu no meio da rua uma ratazana enorme. Dou a palavra ao narrador, que informa: “já perdera parte da cauda e estava na iminência de perder a cabeça, igualmente esmagada por alguma roda. Era, por certo, o que todos esperavam. Mas os carros passavam perto ou freavam (...) e, assim, a vida resistia.”

De repente surgiu um mendigo que avançou, fazendo os veículos frearem, e tangeu o animal, que entrou num bueiro. Estrondou uma salva de palmas.

Observa o narrador que a multidão tinha sentimento, percebendo aquele gesto de grandeza, dizendo ainda: “só o miserável, contudo, ousava enfrentar o perigo para salvar o, de certa forma, assemelhado”.

Transcrevo os parágrafos finais dessa crônica:

“Contando, noutro dia, esse ingênuo episódio a incorrigível turrão contestador, observou-me que, hoje, dificilmente seu desfecho seria o mesmo.

— Não há mais quem arrisque a vida para salvar a de ratos – enfatizou – quando a de cada um de nós é que está sob ameaça, aliás não pelos de quatro, mas sobretudo pelos de dois pés.”

Já dos contos escolho “O Pequeno caboclo e o jacaré”.

No seringal, havia muito trabalho, e, entre os trabalhadores, destacava-se o caboclo João, que fugia à disciplina dos demais. Tinha a mulher e um filho adolescente, que manejava a flecha e a faca com muita perícia. Era o Tomás.

Um dia, no papel de guardião do banho da meninada, viu ele que um dos meninos, ao se afastar dos outros, foi perseguido por um jacaré. Tomás subiu, como um gato, a uma árvore e de lá pulou no rio:

Fale o narrador:

“De lá, a faca nos dentes, se projetou, certo, sobre o pescoço do jacaré. Este espadanou, ante a surpresa, tentando atingi-lo com a cauda.”

O jovem apertou os olhos do réptil, que mergulhou. Cinco minutos depois um filete de sangue apareceu na água, e o jacaré veio à tona, de barriga para cima, atacado por um bando de piranhas. E o conto termina assim:

“Alguns metros abaixo, ante o espanto geral, o filho de João, a faca nos dentes, nadava em direção à margem. (...) Nadava rápido, temeroso das piranhas que, entretidas no banquete inesperado, o ignoravam.”

Quis apenas dar uma ideia da obra com que Romeu Jobim enriqueceu as letras brasileiras. Nas páginas de seus livros sentimos a presença do Acre, sua terra natal, do Amazonas, do Rio de Janeiro e de Brasília, onde encerrou a vida e a carreira de escritor. Sentimos também a inspiração da sua amada Ruth (infelizmente já falecida), dos filhos e dos netos.

* * *

Escritor e Acadêmico Edmílson Caminha, meu Amigo.

Quando vos foi dado ingressar nesta mesma Academia de Letras do Brasil, em 2012, quem vos fez a saudação de praxe foi o escritor Fabio de Sousa Coutinho, que se referiu a várias entrevistas que fizestes e acrescentou:

“Muitas dessas entrevistas estão reunidas num livro primoroso, *Palavra de escritor*, em que o cultor apaixonado e familiarizado com o trabalho de cada um de seus entrevistados proporciona momentos de reflexão e prazer estético a quantos se entregam à releitura de páginas tão sábias e enriquecedoras.”

O artista da palavra que conhecemos de seus muitos livros, de crônicas ou de ensaios, bem como de seus textos jornalísticos, esmerou-se como orador nesta solenidade, ao fazer a saudação deste seu velho amigo e admirador.

Vosso discurso, com tantas expressões amáveis e com a transcrição de alguns dos meus versos, me comoveu. Mais do que isso: vossos elogios chegaram a dar-me a ilusão de que sou mesmo digno de vossas palavras consagradoras.

Muito obrigado.